

Leituras críticas da alteridade no audiovisual: midiatização e recepção de narrativas por imigrantes e refugiados

José Augusto Mendes Lobato

Universidade Anhembi Morumbi, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Paulo, SP, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8472-007X>

Resumo

Vinculado a uma pesquisa de caráter mais amplo sobre a questão do outro na cultura audiovisual, este trabalho tem como foco compreender o processo de recepção de produtos audiovisuais de ficção e não ficção por imigrantes e refugiados residentes no Brasil. Para isso, propomos uma discussão teórico-conceitual ancorada nos processos de mediação e midiatização do outro; no impacto de representações sociais na fixação de leituras sobre povos, culturas e identidades; na abordagem da recepção como forma de compreender as estratégias de negociação e fixação de sentido em sujeitos representados nas mídias; e na conformação da narrativa de alteridade às codificações e formas de dois gêneros televisuais em específico (documentário e ficção seriada). No recorte da pesquisa proposto neste texto, relacionamos dez entrevistas semiabertas com imigrantes e refugiados residentes no Brasil, oriundos de seis nações da América Latina, da África e do Oriente Médio, a comentários e apontamentos que evidenciam sua interpretação sobre os produtos audiovisuais. As reflexões traçadas por eles a respeito de dois programas – capítulos da telenovela *Órfãos da Terra* e uma edição do jornalístico GloboNews Especial – indicam um olhar crítico acerca dos mecanismos de atribuição de valores e tradução da alteridade operados pelos meios de comunicação brasileiros.

Palavras-chave

midiatização; alteridade; recepção; imigrantes; refugiados

1 Introdução

A consolidação dos estudos de recepção na América Latina trouxe importantes contribuições para o entendimento de como estratégias de representação, formulações de identidades e regimes de visibilidade e controle incidem sobre a cultura audiovisual contemporânea. A ideia de que nossa forma de constituir sentidos do eu/nós perpassa, por lógica, a operação de marcação da alteridade é outro aspecto fundante: em diferentes registros, que vão da pesquisa britânica (Hall, 2001, 2003, 2016) à perspectiva pós-colonial (Bhabha, 1998), passando pela ciência da linguagem (Freitas, 1992; Gomes, 2008), reconhecemos a importância de narrar o Outro nos trajetos de investigação que focalizam modos de consumo, apropriação e leitura crítica de narrativas.

Temos a questão da alteridade na cultura audiovisual como problema de pesquisa mais amplo que move nossa investigação, em relação à qual este texto figura como um recorte. Aqui, buscamos demonstrar parte dos resultados de uma pesquisa cujo objetivo é lançar luz sobre os modos de interpretação, recepção e leitura crítica de narrativas da diferença televisuais por sujeitos imigrantes e refugiados, que residem no Brasil e pertencem a diversos países da África, do Oriente Médio e da América Latina. Vinculado a uma pesquisa pós-doutoral, este trabalho de campo resultou no mapeamento de uma série de aspectos relativos à midiatização e às imagens de (i)migrações na cultura audiovisual brasileira. Dentre eles, destacamos a *leitura crítica* – que podemos associar às posturas negociadas de decodificação conceituadas por Hall (2003) e que muito nos diz sobre os procedimentos representacionais em si. Nosso foco é entender como os próprios sujeitos, que têm seus povos, culturas e modos de vida representados no jornalismo e na ficção seriada do país que os acolheu, enxergam este trabalho contínuo de formulação de narrativas da alteridade.

Para isso, ancoramo-nos em uma perspectiva teórico-metodológica que abrange os estudos da mediação e da midiatização; as teorias da representação; o exame à luz da visada pós-colonial e dos estudos culturais da questão identidade-alteridade; e a pesquisa latino-americana sobre a recepção e seus achados. As ideias de Roger Silverstone (2002) são cruciais, desde já, para refletirmos sobre os impactos do narrar nas mídias. Elas evidenciam que o processo de enquadramento do mundo pelos artifícios da linguagem produz conforto e sentidos de pertencimento ao mesmo tempo em que gera fissuras e fronteiras no campo das identidades – e que tais efeitos são proporcionalmente intensificados na comunicação em larga escala e na circulação dos discursos. Como sinaliza o autor, os meios de comunicação

nos permitem enquadrar, representar e enxergar o outro e seu mundo (Silverstone, 2002); no entanto, a distância naturalmente erguida nesse processo tecnificado não permite que nos engajemos plenamente, tampouco que aceitemos o desafio do outro. Ficamos protegidos, e ao mesmo tempo nos isolamos e separamos, dentro dos limites de nosso mundo de referências e fronteiras simbolicamente erguidas.

Esses fenômenos produzem novos questionamentos quando olhamos mais atentamente para nosso problema de pesquisa. Quais os reflexos desse narrar quando, na condição de produtores de relatos, falamos do Outro – daquele que nos é apresentado, e que por vezes assim mesmo se apresenta, na condição de alguém fora das fronteiras da identificação? E, na condição de consumidores de narrativas, quais as formas de interpretação possíveis diante de uma experiência vicária de contato com a diferença, reflexo direto de um *bios* midiático (Sodré, 2002) intrinsecamente ligado à midiaticização contemporânea? Qual o lugar do(s) sujeito(s) e suas identidades em tais processos, que combinam a dimensão dialógica da mediação cotidiana ao potencial domesticador da midiaticização? Quais formações discursivas se impõem em tais processos e como participar de sua construção ou revisão?

Entendemos que essas questões são terreno fértil para a investigação da cultura audiovisual, expressa na televisão, no cinema em plataformas digitais. É nela e em suas diversas manifestações – documentários, filmes de ficção, telenovelas, produtos multimídia, programas de entretenimento televisual, telejornais, *reality shows* – que, por meio de estruturas cada vez mais híbridas e regimes de visibilidade pautados pela constante interação com a diversidade de culturas e modos de vida, identificamos a questão do Outro como fundamental ao exame crítico das mídias e seus modos de induzir, produzir e consolidar experiências de alteridade na vida contemporânea por meio de processos de midiaticização (Braga, 2006; Couldry, 2008).

Em conexão direta com uma cultura própria das mídias (Kellner, 2001), afeita à mobilidade, ao descolamento de territórios e à exibição do diferente, entendemos que os produtos audiovisuais de nossos tempos são campo fértil para mapeamento das *narrativas de alteridade*, que definimos em pesquisa anterior como estruturas de enunciação transversais a diversos gêneros e formatos do audiovisual (Lobato, 2017). Operam como uma lente específica para investigarmos como mídias, identidades e processos socioculturais interagem na contemporaneidade, mobilizando regimes perceptivos e construindo rotinas para

definirmos o próximo e o distante em um mundo de fronteiras – materiais e simbólicas – continuamente postas em xeque.

2 Identidade(s), representação, midiáticação e discurso circulante

Os estudos culturais e de linguagem fornecem as bases para compreendermos o fenômeno narrativo a partir de sua vinculação com a domesticação do mundo pelos processos da linguagem, o ordenamento simbólico, a configuração de noções de si e do outro, a produção das representações sociais e a emergência da questão da alteridade como determinante de nossa visada. Nosso ponto de partida está nas representações e em entendê-las como esquemas organizativos da experiência; é o que Hall (2016, p. 48-49) afirma ao defender que a constituição e a fixação do sentido não decorrem da materialidade do mundo ou da consciência dos sujeitos de modo isolado, e sim a partir da formação de “sistemas representacionais”.

As teorias da representação receberam contribuições dos estudos das artes, das ciências sociais e da psicologia, avançando no século XX rumo a um entendimento das implicações coletivas de tal processo. A obra de Serge Moscovici (2003), por exemplo, elucida como as representações sociais instauram uma complexa relação entre indivíduos, objetos simbolizados e o contexto em que estão inseridos. Nas palavras do autor, a representação social “[...] cria tanto a realidade como o senso comum” (Moscovici, 2003, p. 49) e promove fenômenos como a ancoragem, ao “[...] ancorar ideias estranhas, reduzi-las a categorias e a imagens comuns”, e a objetivação, “[...] isto é, transformar algo abstrato em algo concreto” (Moscovici, 2003, p. 61). Por fim, tem como objetivo último minimizar a sensação de não familiaridade sobre eventos, sujeitos e fenômenos que não consideramos próximos, demarcando-os como convergentes ou divergentes de normas. Chegamos, assim, à ideia de que representamos para reduzir nosso estranhamento diante das coisas do mundo, para traduzir uma realidade multifacetada e complexa.

Os sistemas representacionais dos quais fala Hall (2016) não são, por natureza, neutros. Escolhas de estratégias de abordagem, ações de atribuição de valores e sentidos preferenciais e deliberadas operações de silenciamento, assimilação ou negação fazem com que tenhamos contato, nas representações, com modos organizativos das identidades que supõem simplificações; isso ocorre tanto quando se fala do eu/nós quanto na abordagem do(s) outro(s), por meio de incontáveis operações disciplinares (Gomes, 2003). Se construir

as representações envolve possibilitar maior contato entre povos, culturas e hábitos, também podemos aferir que são amplificadas as possibilidades de experiências de alteridade – o que requer construções minimamente estáveis de fronteiras, a partir das quais se torna possível delimitar os espaços do próximo e do distante. A partir de Homi Bhabha (1998), identificamos nessa “escrita” das nações e dos povos um processo arbitrário, que reflete relações de poder manifestas na linguagem e que acaba por caracterizar povos, comunidades e nações e assim reiterar sua coesão, muitas vezes reduzindo diversidades, encurtando rotas e simplificando modos de vida. Outros autores, como Todorov (1993), conseguirão observar situações concretas – no caso deste autor, o contato do colonizador ibérico com os povos tradicionais da América – e identificar como comportamentos e posturas diante do Outro podem refletir a assimilação, a compreensão, a negação ou mesmo a indiferença à alteridade.

A alteridade é complemento lógico à noção de identidade; como um texto ou sujeito cultural da diferença, só é legível por conta da formação anterior de bases de semelhança, ensejando uma relação de dependência. Ela se traduz nas *narrativas de alteridade* – que por sua vez têm no centro de sua intriga a descoberta, o ato de desvelar, traduzir e enunciar a diferença. Bhabha estabelece o raciocínio de que, entre a disciplina da escrita da nação e o caráter performativo da dinâmica social, “[...] existir é ser chamado à existência em relação a uma alteridade, seu olhar ou locus” (Bhabha, 1998, p. 75). Por isso mesmo, neste processo que nada tem de natural, “[...] o próprio lugar da identificação, retido na tensão da demanda e do desejo, é um espaço de cisão” (Bhabha, 1998, p. 76).

Os estudos sobre a representação, mediação e midiatização à luz de reflexões sobre a imagem e o audiovisual também devem constituir nossa base. Seguindo os raciocínios de Debray (1993) e Flusser (2007), a presença inegociável das imagens na cultura contemporânea manifesta um movimento ancestral de tomá-las como meios de amplificação da experiência – seja pela via de sua função “mágica”, de tornar o presente ausente e assim superar a morte, a fugacidade, a finitude; seja pelos processos de simulação hoje tão candentes. Com o advento do audiovisual fotográfico e cinematográfico e com as mídias digitais, as imagens técnicas são alçadas a um novo sistema cultural, em que o consumo emerge como via de constituição identitária e experiência social. A respeito disso, Flusser enxerga nas denominadas imagens técnicas um risco: elas podem se tornar, com a dominância da técnica, um perigo ao pensamento “conceitual, racional e histórico”, como “[...] se estivéssemos nos aproximando de um novo tipo de era mágico-mítica, de uma cultura da

imagem pós-histórica” (Flusser, 2007, p. 144), decorrente do abandono da abstração conceitual linear em prol do pensamento imagético-visual.

Tal perspectiva se coaduna aos estudos críticos da cultura das mídias e sua relação com o consumo, referenciados por Rocha e Castro (2009), que associam a exploração da subjetividade e a ancoragem preferencial em imagens à circulação dos capitais simbólico e financeiro. Conforme apontam autores como Douglas Kellner, “[...] a cultura da mídia, assim como os discursos políticos, ajuda a estabelecer a hegemonia de determinados grupos e projetos políticos” (Kellner, 2001, p. 81). Não à toa, um dos apontamentos do autor é o de que os textos culturais contemporâneos, essencialmente midiaticizados, mobilizam consentimento a posições políticas hegemônicas. Em consonância com Rocha e Castro, assumimos que “[...] a percepção do mundo e a percepção de si mesmo, ambas se transformaram radicalmente” (Rocha; Castro, 2009, p. 52) na midiaticização contemporânea, e que as imagens se configuram como elementos constituintes do cotidiano, produzindo uma simbiose entre consumo, entretenimento e a construção da experiência social.

Resta-nos, ainda, debater os conceitos de mediação e midiaticização, lançando luz sobre suas interfaces e diferenças. Como sinaliza Silverstone (2002), a mediação é um processo contínuo de circulação de signos, símbolos e conceitos na vida cotidiana em geral, ocorrendo dentro e fora dos aparelhos e processos midiáticos. Assim como Roger Silverstone, Jesús Martín-Barbero (1997) reconhece que as mediações são diversas – aprofunda esse entendimento identificando o aspecto tecnológico, mas sobretudo social, de caráter dialético e negociado, das interações entre mundo, representações e sujeitos/comunidades, em que a comunicação interpessoal e a midiática coexistem. Sobre este ponto, podemos afirmar, referenciando Silverstone, que, a despeito de ser “[...] possível privilegiar os mass media como definidores e até mesmo determinantes para a produção de sentidos sociais, essa ênfase pode ocultar o engajamento contínuo [...] que as audiências e os espectadores desenvolvem com os produtos da comunicação de massa” (Silverstone, 2002, p. 3).

Quanto à midiaticização, podemos entendê-la como um progressivo processo de contaminação das esferas do *socius* pelas lógicas de produção, cognição e consumo de dados, experiências, bens, produtos e fenômenos da realidade. Ela alude a impactos da circulação de narrativas e conteúdos midiáticos sobre a conformação das experiências sociais e leituras de mundo, em uma relação simbiótica, mas não livre de complexidades, entre a sociedade e os meios de comunicação (Braga, 2006). Couldry (2008, p. 3) alega, de modo bastante objetivo, que a midiaticização trata de uma “[...] uma transformação essencialmente linear de estados

sociais 'pré-mídia' (antes da intervenção de mídias específicas) para estados sociais 'midiaticizados'.

Diferenciação semelhante é proposta por Sodré (2002) em suas discussões sobre o *bios* midiático. Para o autor, a midiaticização se constitui como "ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional", sendo um "[...] dispositivo cultural historicamente emergente no momento em que o processo da comunicação é técnica e industrialmente redefinido pela informação" (Sodré, 2002, p. 21-22). A midiaticização, em suas palavras, é uma espécie de "'mediação' social tecnologicamente exacerbada", que encena uma nova moralidade, uma cultura vicária e conteúdos "costumbristas", cujo potencial de circulação e disseminação é associado à operação midiática.

Por fim, devemos reconhecer nosso objeto empírico e resgatar conceituações gerais sobre a cultura audiovisual e especificamente a televisão, com ênfase na compreensão da linguagem audiovisual e sua mobilização nos códigos de gêneros, como o documentário e a ficção seriada, aqui examinados. Com relação à televisão, de onde emana nosso material audiovisual, autores como França (2006) e Jost (2007) examinam o surgimento e a consolidação da TV no século XX como indutores de transformações sociais, econômicas, culturais e políticas que ultrapassam o campo das mídias. Como aponta Jost (2007), o desejo de ver à distância, que se expressa na etimologia de *tele-visão*, gradativamente se concretiza "[...] a partir do momento em que ela é apropriada pelos usos mais ou menos específicos do meio" (Jost, 2007, p. 40), estabelecendo linguagens, processos e efeitos sociais distintos do cinema, por exemplo.

Os estudos do audiovisual também são relevantes por lançar foco sobre o sujeito contemporâneo, a natureza do olhar e as experiências vicárias propiciadas pelas narrativas. São fenômenos que, embora não exclusivos da comunicação em imagem e som, revelam um desenho do laço social que é próprio à cultura audiovisual. A questão de acessar discursos da diferença por meio de leituras que o traduzem é discutida, por exemplo, por Arlindo Machado (2002). Segundo o autor, a identificação, confundida no cinema com a projeção do espectador nas figuras, ações e personagens de uma cena específica, é, sobretudo, um modo de o sujeito contemporâneo experimentar a alteridade. Machado vê nas projeções/identificações estabelecidas entre o espectador, o olhar agenciador dos planos e das cenas e a intriga que move a trama uma maior profundidade, com impactos diretos na subjetividade. Segundo ele,

“[...] o espectador só se pode constituir como sujeito vidente reconhecendo-se em outro [...], portanto, se percebendo como objeto” (Machado, 2002, p. 102):

O processo que chamamos de identificação, uma das chaves da legibilidade (inteligibilidade) do filme, nunca deve ser pensado como um monólito, mas como um sistema maleável (embora consistente) de trocas provisórias, em que os vários olhos do filme (entre os quais o do espectador) se substituem segundo um modo de agenciamento que pode ser fechado ou aberto, centralizado ou múltiplo, de acordo com cada filme. Habitar o texto fílmico como um leitor é se dividir para ocupar muitos lugares ao mesmo tempo e experimentar o outro como uma entidade móvel e escorregadia (Machado, 2002, p. 97).

Em uma perspectiva clássica no estudo sobre discurso e mídias, podemos entender que a constituição dos sujeitos e comunidades no espaço público e nas discussões nele instauradas está longe de ser horizontal e é responsável, em última análise, pela regulação geral da vida coletiva e pela assunção das posições de sujeito que instauram identidades coletivas. Neste quesito, Patrick Charaudeau desenvolve a noção de *discurso circulante* – entendida como uma “[...] soma empírica de enunciados com visada definicional sobre o que são os seres, as ações, os acontecimentos, suas características, seus comportamentos e os julgamentos a eles ligados” (Charaudeau, 2007, p. 118).

Entendendo que é por meio desses enunciados que ocorre o reconhecimento entre sujeitos de uma comunidade, o autor atribui três funções aos discursos circulantes, análogas às das representações em geral: a instituição (e também o exercício) de poder e contrapoder; a regulação do cotidiano social; e a dramatização dos ritos, das vivências e de registros que materializam imaginários, destinos e anseios. Delas, as duas primeiras são especialmente pertinentes ao examinarmos a leitura de alteridade proposta na recepção crítica das narrativas televisuais: como diz Charaudeau, no nível de regulação social “[...] os grupos sociais constroem para si uma visibilidade através de discursos que normatizam as relações sociais [...], determinando assim o que é ordem ou desordem, para fazer ou para não fazer, o bem ou o mal” (Charaudeau, 2007, p. 119). Em linha com as ideias do autor, entendemos que essa definição ocorre, em contextos de ampla midiatização, em relação direta com a circulação e efetivação social de discursos sobre as identidades e alteridades nas mídias.

3 Das narrativas às leituras críticas da alteridade

A observância do fenômeno de circulação de representações audiovisuais da alteridade, em trajetórias de pesquisa anteriores, havia nos conduzido a um olhar narratológico e discursivo acerca dos produtos midiáticos. A identificação de oito estratégias de representação do Outro em conteúdos televisuais jornalísticos e de ficção, por exemplo, decorreu de um exame de material audiovisual produzido entre 2011 e 2016, categorizando modelos de alteridade – geográfica e sociocultural – e examinando processos de demarcação de fronteiras, atribuição de valores ao Outro, interações entre ficcionalização e factualização e construções de sujeitos-personagens fronteirços, entre outros aspectos (Lobato, 2017).

Em contraste, aqui assumimos uma postura voltada à recepção, buscando entender como espectadores específicos se relacionam e interpretam ativa e criticamente os conteúdos elaborados para distintos públicos. Trata-se de um reconhecimento da capacidade de resposta e interpretação críticas – que aqui denominamos *leitura crítica* – que nos desloca mais propriamente às mediações, em linha com o que defende Martín-Barbero (1997), e enfatiza as estratégias da decodificação e da interpretação ativas das mídias e seus conteúdos pelas audiências.

Em primeiro lugar, cabe salientarmos, aqui, que as perspectivas sobre decodificação e recepção divergem na literatura dos estudos culturais, atravessando a segunda metade do século XX. A perspectiva de Hall (2003), por exemplo, enfatiza como um fluxo *linear* da comunicação – afeito à visada funcionalista – pode ser mais bem depurado se considerarmos as camadas nas quais a decodificação ocorre. Para ele, estruturas de sentido e relações materiais de produção afetam as pontas do processo (codificar/decodificar), e o papel das audiências se manifesta em três possíveis posições: dominante, em que a leitura preferencial do sentido da mensagem ocorre conforme sua construção e intencionalidade; oposição, quando receptores seguem outra estrutura de referência para ler mensagens, normalmente reagindo a elas; e, por fim, posições negociadas, nas quais condições particulares de cada receptor são usadas para uma efetiva “negociação” entre o que está sendo proposto e o modo como ele lê o conteúdo. Hall (2003, p. 113) enfatiza, inclusive, que não são posições estanques, uma vez que a pesquisa de campo é capaz de indicar, “[...] em relação a um texto particular e a uma parcela específica da audiência, quais leituras estão operando”.

Essa visão foi amplamente revisada pelos autores latino-americanos em sua proposição do lugar da recepção para os estudos em comunicação e mídias, extraindo o

determinismo da comunicação linear e pondo, no lugar, a perspectiva das mediações. Como aponta Jacks (2015), a problemática geral da recepção pode ser entendida como análoga ao próprio fundamento dos estudos de comunicação – afinal, a preocupação com os impactos das mídias e seus conteúdos sobre as audiências transparece nas ideias de diversos investigadores do campo ao longo do século XX. Daí decorre a necessidade de redimensionar e situar as instâncias de análise no contexto contemporâneo, somando à genérica ideia de uma recepção dentro do processo comunicativo linear emissor-receptor uma mais “[...] focada em processos interpretativos, referentes aos seus conteúdos” (Jacks, 2015, p. 242).

Figaro e Grohmann (2017) também apontam que os estudos de recepção latino-americanos contemporâneos se estruturam para além de uma metodologia de investigação. Os limiares entre produção e consumo, luta de classes, hegemonia e classes populares ganham evidência e centralidade nas discussões sobre os modos como conteúdos midiáticos são apropriados, interpretados e lidos criticamente pelo polo receptor. É em direção a um novo sujeito que os estudos de recepção, assim, lançam suas questões:

Como denominar um sujeito que, a um só tempo, assiste à TV, fala com os amigos ao telefone, tem às mãos o boletim do sindicato e prepara o jantar da família? O que nos interessa nas pesquisas dos estudos latino-americanos de recepção é compreender como os sujeitos se relacionam com os meios de comunicação, como se dão as relações de comunicação e como se constroem os efeitos de sentidos (Figaro; Grohmann, 2017, p. 153).

Entendemos que tais preocupações são fortuitas quando examinamos um dos principais problemas geopolíticos e humanitários da atualidade, que também gera vasto conjunto de registros audiovisuais: a saber, a crise de deslocamentos em massa decorrentes de problemas de ordem política ou religiosa, conflitos civis e militares e questões econômicas. De acordo com dados da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR, 2025), no ano de 2023, ocorreu um aumento expressivo do fluxo de refugiados e imigrantes, reflexo da eclosão e/ou aprofundamento de conflitos que vão do Oriente Médio à Eurásia, atravessando a América Latina. Uma em cada 69 pessoas (1,5% de toda a população do planeta) estava em condição de deslocada à força ao final de 2023, com 24,9 milhões de refugiados e pessoas necessitando de proteção. Mais de 70% dessas pessoas vêm de apenas cinco países: Afeganistão, Síria, Venezuela, Ucrânia e Sudão. O Brasil, por sua vez, teve salto de 117,2% de 2022 para 2023 no quantitativo de refugiados que chegaram ao País. Os dados são do Observatório das Migrações em São Paulo (OBMigra) e depuram estatísticas oficiais do governo – que alega ter

tido o maior volume de registros de refugiados de sua história em 2023, mais de 77,1 mil pessoas, mais de 90% delas oriundas da Venezuela (Cavalcanti; Oliveira; Silva, 2023).

Quando realizamos a pesquisa de campo refletida neste trabalho, as condições eram distintas; Venezuela, Ucrânia e Afeganistão não eram protagonistas nas crises globais de migração forçada. Por outro lado, a Síria se manteve como a nação que mais gerou refugiados no mundo, com 13,8 milhões de pessoas deslocadas até o final de 2023 (em meados de 2019, eram cerca de 7 milhões de pessoas). Nossa pesquisa busca mapear os reflexos desse fenômeno na produção midiática brasileira, a fim de compreender a produção de sentidos sobre a alteridade em produtos audiovisuais que abordam as temáticas do refúgio ou da imigração. Para isso, realizamos uma pesquisa que abrangeu as frentes de (a) análise de três obras – no caso, edições dos programas *GloboNews Especial* e *Profissão Repórter* e da telenovela *Órfãos da Terra* – e, nosso foco aqui, (b) realização de dez entrevistas semiabertas, presencialmente, na Região Metropolitana de São Paulo, com imigrantes e refugiados de seis nacionalidades.

A adoção do modelo semiaberto – ou semiestruturado – de entrevista coadunou ao propósito de compreender, em primeiro lugar, a história de vida e as motivações de se deslocar, bem como a situação atual do imigrante/refugiado no Brasil, para, em seguida, observar suas interpretações acerca do material audiovisual. Conforme Duarte (2005), a adoção das entrevistas semiabertas permite evidenciar interpretações subjetivas dos conteúdos lidos/visualizados pelo receptor, viabilizando um percurso analítico de “[...] interpretação e reconstrução [de dados] pelo pesquisador, em diálogo inteligente e crítico com a realidade” (Duarte, 2005, p. 62-63).

O processo foi realizado no segundo semestre de 2019 e contemplou entrevistas de aproximadamente duas horas cada. Dialogamos com quatro mulheres e seis homens oriundos da Síria, de Burkina Faso, do Haiti, do Chile, da Guiné-Bissau e da Venezuela. Para tornar o debate mais tangível, além das entrevistas, assistimos com cada imigrante/refugiado a trechos de três programas específicos – os documentários *O Drama dos Refugiados* e *Os Refugiados no Brasil*, exibidos na GloboNews em 2017, e cenas do quarto capítulo de *Órfãos da Terra* (2019) –, para posterior escuta de sua percepção. Apresentamos, a seguir, a relação das pessoas entrevistadas; seus nomes e sobrenomes foram resguardados e alterados, respeitando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado por cada participante. Todas as entrevistas ocorreram no local de trabalho do pesquisador ou nos lares dos entrevistados; uma delas ocorreu no Museu da Imigração. Em todos os locais, havia

movimentação de pessoas, e optamos por gravar e anotar as entrevistas em notebook, o mesmo no qual assistimos às cenas dos produtos audiovisuais.

Quadro 1 - Imigrantes e refugiados entrevistados na pesquisa de campo

Entrevistado	País de origem	Situação / condição (em 2019)
Juan R.	Venezuela	Refugiado
Hilal A. T.	Síria	Refugiado
Ali J. R.	Síria	Refugiado
Julia I.	Síria	Imigrante
Abou A. Y.	Burkina Faso	Imigrante
Mali S.	Haiti	Imigrante
Sara P.	Guiné-Bissau	Imigrante
Lori J.	Chile	Imigrante
Mary P.	Venezuela	Refugiada
Salim A. S.	Síria	Refugiado

Fonte: Lobato (2017).

As entrevistas foram cruzadas ao levantamento geral das características dos registros audiovisuais do *corpus*, a fim de permitir uma análise pormenorizada dos apontamentos dos participantes. De modo geral, percebemos na investigação da narrativa – que não é nosso foco neste texto – a recorrência da alteridade como eixo norteador da intriga dos produtos audiovisuais e, acima de tudo, o uso das mesmas estratégias de representação que havíamos identificado em nossa investigação doutoral – com ênfase na retórica testemunhal e afetiva das personagens; na existência de personagens “fronteiriços”, ou seja, que transitam entre o eu/nós e o outro ao longo da narrativa; na atribuição de sentidos e juízos de valor implícitos aos povos representados; e na discursividade centrada em polos opostos, ou seja, que reforça as relações de diferenciação entre sujeitos familiares e “estrangeiros”.

Tais percepções, por nós obtidas a partir do exame do material audiovisual, coincidem com boa parte dos apontamentos feitos por nossos entrevistados. A compilação da análise dos depoimentos coletados foi realizada a partir de duas categorizações: (a) por critério geográfico (percepções e apontamentos dos entrevistados de acordo com sua região/continente de origem: África, Oriente Médio ou América Latina); e (b) por temas tratados com maior frequência e intensidade em comentários espontâneos ou nas respostas às questões. Nesse segundo eixo, categorizamos as percepções dos entrevistados sobre (i) o tratamento dado por autoridades no processo de entrada, registro e formalização da situação cadastral dos refugiados e imigrantes; (ii) o acolhimento da população brasileira após a

chegada ao País, sobretudo nos quesitos afetivo e cultural; e (iii) a integração de refugiados e imigrantes ao mercado de trabalho.

A categorização das percepções de entrevistados por região nos fez identificar, de forma geral, um amplo questionamento sobre os modos de organização e concatenamento das realidades socioculturais e políticas de diferentes grupos identitários – um procedimento que já havíamos observado ser recorrente nas narrativas de alteridade em geral. Essa notação também se coaduna às reflexões de Bhabha (1998) sobre o essencialismo nas representações de culturas e povos, mesmo quando são tratados diferentes contextos, nações e comunidades.

Com relação à África, por exemplo, que figura de modo explícito no documentário *Refugiados no Brasil* (2017), por meio de alguns personagens e trechos de narração em *off* com imagens de arquivo, trazendo detalhes sobre a guerra civil de seus países, nossos entrevistados da Guiné-Bissau e de Burkina Faso apontaram certa tendência à generalização dos modos de vida e trajetórias de quem emigra do continente, combinando os ares de exotismo – tipicamente associados à representação de biomas – a uma visão pejorativa acerca de quem deixa a terra natal em busca de oportunidades. Sara P., de 29 anos, administradora e pós-graduanda em Gestão de Pessoas que veio ao Brasil para cursar o ensino superior em um programa governamental de estudos, reforçou essa perspectiva:

Ainda é um tratamento de curiosidade. O que retratam da África é limitado: você, aqui, falando comigo, já vai tirar algumas dúvidas que vão além do que se vê na TV[...] além da savana, da questão econômica e da guerra. A questão da Síria está a ajudar um pouco: eles, porém, são brancos e vêm de um país em guerra civil, a atenção é outra. Já nós, africanos, vivemos conflitos há décadas em alguns países. Nunca se produziu uma telenovela sobre a África. A mídia no geral retrata os estrangeiros da África branca; a África do Sul, quando se fala dela, é da savana, confundindo a cabeça do telespectador. Nunca vi nada sobre o meu país. E a própria Síria só aparece no período de turbulência¹.

Análise semelhante é traçada por Abou A. Y., de 30 anos, que trabalha como garçom e professor particular de francês no centro de São Paulo. Ele é de Burkina Faso, país frequentemente abordado em noticiários internacionais por conta de conflitos e atentados relacionados ao fanatismo religioso e ao terrorismo. “Ainda tem muita coisa para melhorar no tratamento dos estrangeiros nas novelas e no jornalismo do Brasil, especialmente sobre a

¹ Entrevista de pesquisa concedida no dia 24 de novembro de 2019, em São Paulo (SP).

África. Quando falam, é para mostrar um nigeriano com droga, outro que fez um falso casamento para poder ficar por aqui. Mas existe muita gente bem-intencionada”².

Os entrevistados de origem síria têm percepção semelhante, embora reforcem que, no campo ficcional de *Órfãos da Terra* (2019), seja perceptível o esforço de demonstrar com maior precisão os costumes, as diferenças sociais e a convivência de diferentes religiões no país árabe. Entre os participantes da pesquisa, porém, notamos que a representação do Oriente Médio é vista como incapaz de distinguir adequadamente os diversos países da região e as razões de seus problemas políticos, econômicos e sociais – embora cumpra uma função relevante, que se acentua no trabalho da imprensa. Às vezes, recai-se em exacerbada instrumentalização do olhar sobre os sujeitos e os conflitos de seus países de origem. É o que argumenta Ali J. R., 29 anos, nascido em Aleppo, na Síria, que veio ao Brasil após servir nas forças armadas do país árabe e ver sua cidade ser destruída por milícias e grupos fundamentalistas:

Quando acontece algo dolorido, inclusive coisas relacionadas à imigração, todas as mídias se voltam ao assunto. Foi o caso quando morreu aquele menino sírio no litoral da Turquia. São os mesmos dramas se repetindo. A mídia faz reportagens muitas vezes para sensibilizar e, na mídia brasileira, para mostrar que está conectada ao mundo e ensinar seu público. Mas muitas vezes o jornalista é enviado para fazer um trabalho sem considerar o que interessa àquele refugiado falar. O jornalista é entrevistador e mais nada; quer tirar da boca do refugiado um depoimento, e a parte mais importante não é dita³.

A perspectiva limitada e simplificada sobre o que significam os elementos culturais, políticos, religiosos e sociais do mundo árabe é também ressaltada por entrevistados como Hilal A. T., 47 anos de idade, engenheiro de formação, que viajou com a família ao Brasil e hoje está regularizado no país, trabalhando como chef para eventos:

O filme brasileiro, a telenovela, a TV em geral não são muito bons para a nossa cultura e nossa religião. Tem uma novela sobre a cultura árabe [*Órfãos da Terra*, que teve trechos assistidos durante a entrevista] que nem assisti, falei com algumas pessoas... e essa novela é errada de partida. O brasileiro faz uma novela sobre árabes, mas o foco dela é o brasileiro. Em seis anos aqui, vejo que ninguém conhece de fato o mundo árabe – e você acaba criando uma novela sobre o mundo árabe que fala mais dos brasileiros do que dos árabes. Quando se mostra algo, pode ser um camelo

² Entrevista de pesquisa concedida no dia 21 de novembro de 2019, em São Paulo (SP).

³ Entrevista de pesquisa concedida no dia 19 de novembro de 2019, em São Paulo (SP).

no deserto [...]. Acho que a mídia em geral precisa esclarecer o que é um refugiado. Ao menos ela tenta, o que é melhor do que nada⁴.

O mesmo tom de análise é proposto por Julia I., síria cristã de 32 anos que atua em projetos sociais em São Paulo. “Como na nossa mídia, que trata o povo latino como um só, a mídia brasileira generaliza um monte de coisas do meu país. Só coloca as mulheres com burca e, nas novelas, fala-se português com uma ou outra palavra em um árabe genérico. O idioma árabe é enorme, variado, e as culturas também”⁵. Aqui, emerge novamente a percepção dos entrevistados de que, como diz Bhabha (1998), representações de culturas e nações sempre carregam a marca do trabalho de produzir a alteridade-como-um – esforço que é permanentemente posto em xeque pelas próprias materialidades da vida social.

O segundo eixo de nossa análise abrange o modo como nossos entrevistados enxergam a representação do momento de entrada e acolhimento de imigrantes e refugiados pelas autoridades brasileiras, bem como as relações com brasileiros no cotidiano, as diferenças culturais e, também, o ingresso no mercado de trabalho. Nesse quesito, notamos que nas dez entrevistas o tratamento da mídia e as relações vividas concretamente por cada depoente se confundem nas análises e percepções. O comparativo entre como cada um viveu essa jornada e como ela é exibida no audiovisual, em especial no documentário *Refugiados no Brasil* (2017), ganha maior ênfase do que as questões mais amplas que envolvem a representação de nacionalidades. O viés, no geral, é positivo na percepção de nossos entrevistados quanto ao modo como interações entre brasileiros e estrangeiros ocorrem em termos afetivos, mas negativo quando se trata da imagem do trabalhador imigrante/refugiado ou com relação à representação pela mídia do processo de entrada no país – vista como “romantizada”.

Mali S., de 44 anos, haitiano que vive há seis anos com a esposa brasileira em São Paulo, diz que a situação de seu país é pouco explorada em programas jornalísticos ou de ficção, mas que os processos formais de entrada e a inclusão profissional dos imigrantes e refugiados no Brasil são tratados nas mídias. “Sem o tratamento adequado da mídia, a sociedade corre o risco de nos enxergar como um coitado, que vem por causa da guerra ou da miséria. Sem a mídia, não conhecem a potencialidade que cada um de nós tem, o conhecimento que tenho. Faço contribuições para o país”⁶.

⁴ Entrevista de pesquisa concedida no dia 18 de novembro de 2019, na cidade de São Paulo (SP).

⁵ Entrevista de pesquisa concedida no dia 10 de novembro de 2019, na cidade de São Paulo (SP).

⁶ Entrevista de pesquisa concedida no dia 20 de novembro de 2019, na cidade de São Paulo (SP).

Mary P. e Juan R., venezuelanos que chegaram ao Brasil em momentos diferentes, avaliam de forma negativa a visão geral construída sobre a qualificação profissional e a contribuição de imigrantes para o mercado de trabalho. Embora tenhamos assistido a trechos de *Órfãos da Terra* (2019) e do documentário e *Refugiados no Brasil* (2017) (com estes, não assistimos a trechos do documentário *O Drama dos Refugiados* (2017)), suas análises extrapolam o material e recaem em comentários gerais sobre as notícias de telejornais brasileiros e o modo como enquadram as populações vindas de outros países – atribuindo ao jornalismo papel mais claro de documentar a realidade, enquanto a ficção possui maior percentual de falhas na representação. Abaixo, transcrevemos depoimentos de ambos que corroboram essa perspectiva:

Acho que a mídia exagera muitas coisas e colocam os imigrantes como gente que vem tirar a vaga de escola e o emprego de outras pessoas, como se fossem dar preferência a um imigrante. A mídia pode ser bem cruel e nos marcar muito. Como se pudéssemos escolher. Você acha que eu gostaria de estar aqui? Eu tinha uma casa com vários quartos, emprego, carro. Se você está recebendo as pessoas, não se pode agir assim. [...] O jornalismo tem o potencial de não mostrar o refugiado como coitadinho, mostrar como podemos ser poderosos, nosso repertório, nosso conhecimento⁷.

A forma como foi mostrada [a questão de refúgio no documentário “Refugiados no Brasil”] é boa. Mostra a realidade que se passa com cada pessoa saindo do seu país – sírio, venezuelano, senegalês, cada um tem seu rumo e sua história. Precisa ficar claro que nem todo estrangeiro é vagabundo, nem todo estrangeiro está mal-intencionado. Acho que a mídia deveria concentrar atenção nas pessoas que realmente querem trabalhar. Ser metódico na forma como mostra as pessoas e escolhe os personagens, porque isso fica na cabeça do público e cria estereótipos⁸.

A chilena Lori P., que vive há décadas no Brasil e possui formação acadêmica em nível de pós-graduação, fez amplas críticas aos recursos audiovisuais adotados pelo documentário *Refugiados no Brasil* (2017) e pela telenovela *Órfãos da Terra* (2019). “A forma de ver do documentário [...] o olhar está preso em preconceito. A postura corporal dessa mulher que vem da guerra [refere-se a uma síria entrevistada no jornalístico da GloboNews][...]”. Em seguida, nossa entrevistada fica um período calada e atesta, com ar grave: “[...] os autores do documentário poderiam ter tirado o ‘coitadinha’ [palavra dita por uma vizinha da mulher síria, em entrevista], isso não agrega em nada. É um ser digno de respeito”⁹.

⁷ Entrevista de pesquisa concedida no dia 28 de novembro de 2019, na cidade de São Paulo (SP).

⁸ Entrevista de pesquisa concedida no dia 28 de novembro de 2019, na cidade de São Paulo (SP).

⁹ Entrevista de pesquisa concedida no dia 19 de novembro de 2019, na cidade de São Paulo (SP).

Ainda nos quesitos de análise que categorizamos, o tratamento dado pelas autoridades no processo de entrada e registro de estrangeiros foi considerado o ponto mais importante de se representar nas obras. Ao exibirmos o trecho do capítulo de *Órfãos da Terra* de oito de abril de 2019, em que a família da protagonista Laila (Julia Dalavia) chega ao Brasil de navio e é orientada pelas autoridades sobre os procedimentos de solicitação de refúgio, bem como os trechos com entrevistas de autoridades federais no documentário *Refugiados no Brasil* (2017), as reações são unânimes quanto à importância de se mostrar os passos, etapas e sobretudo a burocracia envolvida no processo de imigração; no geral, porém, avalia-se haver um tratamento idealizado sobre a jornada vivida por quem chega ao Brasil.

Sara P., da Guiné-Bissau, vê exagero e artificialidade no modo como a ficção representa o diálogo entre a família da protagonista Laila e o agente da Polícia Federal: “O modo como o policial orientou, tudo bonitinho, seria muito bom. Nem sempre é assim. Nem para mim, que não vim como refugiada, vejo esse tratamento. [No documentário] ali já vemos a realidade, pois uma coisa é novela, outra a vida real”¹⁰. O mesmo nos diz Abou A. Y.:

Eu vivi isso, na Polícia Federal não tem como conversar com ninguém. A maneira de falar é um pouco grossa. Demorei cinco anos para ter meus documentos. Nós, imigrantes africanos, sofremos quando vamos à polícia. Veem que você é estrangeiro e não têm paciência. Ficamos anos em processo de legalização. [...]. Eu achei o documentário e a telenovela fantásticos para passar mensagens sobre os seres humanos, mas a questão central hoje é a documentação. A dificuldade. A demora. O jornalismo tem o papel de tratar isso¹¹.

As leituras críticas de nossos entrevistados, assim, demonstram alinhamento com as reflexões derivadas do exame da construção narrativa dos produtos audiovisuais considerados no *corpus*. As estratégias voltadas à tradução, com personagens que transitam entre fronteiras de familiaridade e não familiaridade, a atribuição de valores empáticos às personagens de origem brasileira e a configuração da intriga do Outro sob a retórica testemunhal são reconhecidas, embora confrontadas quanto à sua real capacidade de mostrar a complexidade dos processos migratórios, da efetivação dos cadastros de refúgio e do ingresso de estrangeiros no mercado de trabalho e na vida social do Brasil.

¹⁰ Entrevista de pesquisa concedida no dia 24 de novembro de 2019, na cidade de São Paulo (SP).

¹¹ Entrevista de pesquisa concedida no dia 21 de novembro de 2019, na cidade de São Paulo (SP).

4 Considerações finais

Acreditamos que as migrações forçadas e os deslocamentos que hoje assolam diferentes regiões do planeta são indutores relevantes de produções voltadas à alteridade que povoam a cultura audiovisual. A função central das narrativas de alteridade de traduzir, dar a ver, explicar e nos permitir uma compreensão efetiva de sujeitos e comunidades se torna ainda mais crítica quando lidamos com registros cujo foco está em narrar a jornada humana rumo ao restabelecimento de condições mínimas de integridade e segurança.

Os achados deste estudo, a partir do que nos dizem os sujeitos de pesquisa, nos permitem retornar ao problema de pesquisa: afinal, como narrativas audiovisuais que versam sobre processos de refúgio e imigração fixam e põem em circulação discursos sobre o Outro? Como estes são recebidos e percebidos pelos próprios sujeitos representados?

Em suma, podemos responder que essa fixação ocorre em amplo diálogo com mediações socioculturais que incluem a experiência de viagem e ingresso no Brasil de cada entrevistado, a vida cotidiana a que está sujeito no país e sua relação de confiança e reconhecimento dos conteúdos audiovisuais em sua potencialidade. Essas são as mediações que constituem o que denominamos *leituras críticas da alteridade*; visadas marcadas por um reconhecimento de limitações na qualidade das representações midiáticas, somado a uma ampla capacidade interpretativa marcada pela experiência direta do sujeito representado.

Identificamos, no trabalho de campo, a visão crítica dos entrevistados sobre o trabalho da mídia brasileira, sobretudo com relação à capacidade do documentário e da telenovela de efetivamente dar a ver a complexidade das nações e regiões representadas. Por outro lado, nota-se entre os participantes da pesquisa amplo reconhecimento sobre a responsabilidade dos veículos de comunicação do País na compreensão dos contextos que levam aos deslocamentos em massa contemporâneos.

Os resultados que mapeamos apontam a necessidade de amplificar os estudos voltados à recepção crítica de narrativas de alteridade entre sujeitos nelas representados como Outro(s). Para isso, acreditamos ser possível adotar outras metodologias, como a realização de grupos focais, a fim de estimular debates de natureza coletiva sobre produtos audiovisuais selecionados, além de aprofundar as regiões de origem de nosso rol de entrevistados em estudos posteriores – etapas que, hoje, já atravessam nossas investigações em curso.

Referências

- ACNUR. **Dados**: refugiados no Brasil e no mundo. Brasília: Agência da ONU para refugiados, 2025.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BRAGA, José Luiz. Mediatização como processo interacional de referência. **Animus - Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Maria, v. 5, n. 2, p. 9-35, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2175497790408>. Acesso em: 13 mar. 2025.
- CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu; SILVA, Sarah F. Lemos (org.). **Relatório Anual 2023 - OBMigra 10 anos**: pesquisa, dados e contribuições para políticas. Brasília: Observatório das Migrações Internacionais, 2023.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.
- COULDRY, Nick. Mediatization or mediation? Alternative understandings of the emergent space of digital storytelling. **New Media & Society**, Thousand Oaks, v. 10, n. 3, p. 373-391, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1461444808089414>. Acesso em: 13 mar. 2025.
- DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FIGARO, Roseli; GROHMANN, Rafael. A recepção serve para pensar: um “lugar” de embates. **Palavra Chave**, Bogotá, v. 20, n. 1, p. 142-161, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5294/pacla.2017.20.1.7>. Acesso em: 13 mar. 2025.
- FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.
- FRANÇA, Vera (org.). **Narrativas televisivas**: programas populares na TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FREITAS, Jeanne Marie Machado. **Comunicação e psicanálise**. São Paulo: Escuta, 1992.
- GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no jornalismo**. São Paulo: Hacker/EDUSP, 2003.
- GOMES, Mayra Rodrigues. **Comunicação e identificação**: ressonâncias no jornalismo. Cotia: Ateliê, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Guaracira, 2001.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri/PUC Rio, 2016.

JACKS, Nilda. Da agulha ao chip: brevíssima revisão dos estudos de recepção. **Intexto**, Porto Alegre, n. 34, p. 236-254, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.19132/1807-8583201534.236-254>. Acesso em: 13 mar. 2025.

JOST, François. **Compreender a televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

LOBATO, José Augusto Mendes. **A alteridade na ficção seriada e na grande reportagem**. Um estudo sobre as estratégias de representação do outro na narrativa televisual brasileira. 2017. Tese (Doutorado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e pós-cinemas**. Campinas: Papyrus, 2002.

MARTÍN-BARBERO. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1997.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, Vozes, 2003.

O DRAMA DOS REFUGIADOS. Apresentado por Gustavo Sobral. Rio de Janeiro: GloboNews, 13 out. 2017. Duração 25 min.

OS REFUGIADOS NO BRASIL. Apresentado por Guga Chacra. Rio de Janeiro: GloboNews, 19 fev. 2017. Duração 23 min.

ÓRFÃOS DA TERRA. Criação: Duca Rachid e Thelma Guedes. Direção: André Câmara. Rio de Janeiro: TV Globo, 2019. Telenovela. 154 capítulos.

ROCHA, Rose; CASTRO, Gisela. Cultura da mídia, cultura do consumo: imagem e espetáculo no discurso pós-moderno. **LOGOS 30 - Tecnologias de Comunicação e Subjetividade**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 48-59, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/logos.2009.361>. Acesso em: 13 mar. 2025.

SILVERSTONE, Roger. Complicity and collusion in the mediation of everyday life. **New Literary History**, Baltimore, v. 33, p.761-780, 2002. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1353/nlh.2002.0045>. Acesso em: 13 mar. 2025.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**. Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes 2002.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Critical readings of alterity in audiovisual media: mediatization and reception of narratives by immigrants and refugees

Abstract

Connected to a broader research project on the issue of the other in audiovisual culture, this work focuses on understanding the reception process of fiction and non-fiction audiovisual products by immigrants and refugees living in Brazil. We propose a theoretical-conceptual discussion anchored in the processes of mediation and mediatization of the other; in the impact of social representations on the fixation of readings about peoples, cultures and identities; in the approach of reception as a way of understanding the strategies of negotiation and fixation of meaning in subjects represented in the media; and in the conformation of the narrative of alterity to the codifications and forms of two specific television genres (documentary and serial fiction). In the research part highlighted in this text, we did ten semi-open interviews with immigrants and refugees living in Brazil, from six nations in Latin America, Africa and the Middle East, in which they comment and present points of view that evidence their interpretation of the audiovisual products. The reflections they outlined regarding two programs – chapters of the soap opera *Órfãos da Terra* and an edition of the journalistic *GloboNews Especial* – indicate critical readings on the mechanisms of attribution of values and translation of alterity operated by the Brazilian media.

Keywords

mediatization; alterity; reception; immigrants; refugees

Autoria para correspondência

José Augusto Mendes Lobato
gutomlobato@gmail.com

Como citar

LOBATO, José Augusto Mendes. Leituras críticas da alteridade no audiovisual: mediação e recepção de narrativas por imigrantes e refugiados. **Intexto**, Porto Alegre, n. 57, e-142629, 2025. DOI: <https://doi.org/10.19132/1807-8583.57.142629>.

Recebido: 19/09/2024

Aceito: 03/03/2025

Copyright (c) 2025 JOSÉ Augusto Mendes Lobato. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

